

O PEQUENO PRÍNCIPE – UMA ANÁLISE SOBRE O PAPEL DO TRADUTOR

Lara Suênia Santa Cruz BARBOZA (Graduada/ UFS)

Resumo: As traduções têm uma grande importância na sociedade e têm sido recorrentes no cotidiano do ser humano há muitos séculos. Sendo assim, o processo tradutório é um meio de conectar duas línguas, e consequentemente duas culturas. No processo de tradução, esses dois aspectos da língua do texto original para a língua em que vai ser traduzida entram em choque, e certas vezes, não existe um aspecto linguístico equivalente nesse processo tradutório. O papel do tradutor é essencial para que a mensagem seja transmitida de forma adequada para o seu determinado público leitor. Nesse contexto, será apresentada a análise da obra *O Pequeno Príncipe*, escrita pelo francês Antoine de Saint-Exupéry, mostrando aspectos dessa obra em diferentes contextos, dando ênfase aos mecanismos de tradução de acordo com o público alvo, seja a escolha pelo tradutor do uso da domesticação ou da estrangeirização.

Palavras-chave: *O Pequeno Príncipe*, mecanismos de tradução, público alvo, domesticação e estrangeirização

Introdução

O processo de tradução é uma atividade que envolve a interpretação do significado de um texto na língua original e a produção de um novo texto na língua a qual objetiva-se ser traduzida, mas que apresente o contexto do texto original; o texto resultante desse processo chama-se a tradução. Jiří Levý (2012, p. 72) afirma que,

Do ponto de vista teleológico, a tradução é um PROCESSO DE COMUNICAÇÃO: seu objetivo é transmitir a informação do original ao leitor estrangeiro. Do ponto de vista do trabalho do tradutor, a qualquer momento desse trabalho (isto é, do ponto de vista pragmático), traduzir é um PROCESSO DE TOMADA DE DECISÃO: uma série de um certo número de situações consecutivas – movimentos, como em um jogo – que impõem ao tradutor a necessidade de escolher dentre um certo número (muitas vezes exatamente definível) de alternativas. (LEVÝ, 2012, p. 72)

O trabalho do tradutor, segundo Abreu (2010, p. 1543) é “o processo tradutório envolve o conhecimento de duas línguas, por conseguinte, duas culturas”. Logo, é possível afirmar que o tradutor é aquele que media o texto original com o leitor do texto para a língua alvo a ser traduzida. Frota (2004a, p. 3) afirma que há “a ideia de que o texto traduzido é, e tem tudo pra ser, uma representação especular do texto original”. Segundo Venuti (2002, p. 120), “a

tradução imita os valores linguísticos e literários de um texto estrangeiro, mas a imitação é modelada numa língua diferente que se relaciona a uma tradição cultural diferente”.

A escolha do tema deste artigo¹ foi baseada na importância que existe por parte do tradutor a escolher determinada linguagem, elementos culturais, lexicais e processos tradutórios para transmitir de forma mais adequada de acordo com o público alvo, a mensagem de forma traduzida para a língua alvo, do texto da língua original, observando adequadamente os critérios do público-leitor. Castro (2007, p. 12) afirma que,

Se há, por um lado, os critérios editoriais e literários a que me referi acima, há, por outro, a expectativa e o desejo do leitor. O que espera o leitor comum que faz uso de traduções? Até que ponto é possível atender satisfatoriamente essa expectativa? (CASTRO, 2007, p. 12)

Também é possível afirmar que existe uma expectativa de cada público alvo de sua leitura, e é que possível encontrar as necessidades e os interesses desta avaliando quem será público-leitor da obra a ser traduzida.

Mas considero importante pensarmos em que medida se dá essa disparidade entre a expectativa do leitor e a tradução como uma reescrita o mais representativa possível do original, sabendo-se que o grau dessa *possibilidade* relaciona-se diretamente ao grau de *necessidade* das transformações linguísticas implicadas. (CASTRO, 2007, p. 13)

Castro (2007) afirma a importância de conhecimento mais aprofundado do público-leitor e a cultura que o engloba cultura para poder atender a expectativa destes de forma adequada, gerando assim interesse pelo consumo, como se pode ver no exemplo citado abaixo:

Quando digo “mercado editorial”, refiro-me aos editores, que costumam priorizar a fluência nas traduções para atender ao gosto e à expectativa dos consumidores, os leitores, e incluo também as instituições responsáveis por encomendar traduções, [...] porém, têm sempre um interesse mercadológico, querem vender e, por isso, não raro determinam ou exigem uma

¹ O objetivo desse artigo não foi analisar a comparação do texto em sua língua mãe, ou seja, francês com o texto no português tendo em vista que este artigo não visa o estudo da Língua Francesa e sim analisar as três traduções e comparar as escolhas feitas pelos tradutores, considerando-se que as escolhas lexicais estão em consonância com os seus correlatos na Língua Francesa.

superfluência, ou seja, pesadas intervenções para atingir este fim. (CASTRO, 2007, p. 14)

Os editores optam por pessoas com extrema fluência no idioma para conseguirem agradar em suas traduções a leitura de seus consumidores para que esse objetivo mercadológico seja alcançado.

Tradução: estrangeirização e domesticação

Tendo em vista que a língua varia de acordo com questões culturais e gramaticais, haverá momentos no processo de tradução em que não existirá uma expressão equivalente na língua a ser traduzida. Segundo Castro (2007, p. 13),

Entre os teóricos, entretanto, já é ponto pacífico que a tradução envolve aspectos não só distintos como muito mais complexos do que os percebidos pelo senso comum; que equivalentes perfeitos não existem – ou raramente existem –, que toda tradução envolve interpretação, frequente produção de novos significados, escolha constante do tradutor o qual não é mediador constante transparente e neutro etc. (CASTRO, 2007, p. 13)

O tradutor se vê no dilema de utilizar em sua tradução o processo de estrangeirização ou de domesticação para garantir ao leitor um maior conhecimento da obra e como isso pode ser observado no texto. A estrangeirização, segundo Campos (2009, p. 70), “privilegia o contexto fonte, ou seja, o leitor é levado até o texto pela manutenção de características linguístico-culturais do texto-fonte”. Assim, a estrangeirização utiliza-se da introdução de personagens, expressões e da criação de neologismos induzindo o leitor a conhecer aspectos da outra cultura (geralmente utilizando de notas de rodapé) para dar um melhor entendimento àquele (leitor). Por outro lado, também pode utilizar da domesticação.

A domesticação visa à facilitação da leitura, com eliminação de elementos que possam prejudicar o entendimento. Este processo está diretamente ligado à redução do texto estrangeiro em detrimento dos valores culturais da língua alvo. (ABREU, 2010, p. 1545)

Podemos observar que na domesticação o tradutor visa buscar um elemento cultural semelhante na língua a ser traduzida para a situação retratada no texto. Ainda sobre a domesticação, Venuti afirma:

A tradução forma sujeitos domésticos por possibilitar um processo de espelhamento ou autorreconhecimento: o texto estrangeiro torna-se inteligível quando o leitor ou a leitora se reconhece na tradução, identificando os valores domésticos que motivaram a seleção daquele texto estrangeiro em particular, e que nele estão inscritos por meio de uma estratégia discursiva específica. (VENUTI, 2002, p. 148)

O positivo da estrangeirização é que ela favorece ao leitor o conhecimento de novas culturas, já que esta preserva os elementos léxico-culturais do texto-fonte, ou seja, salientando esses elementos, mais suscetível ficará o público leitor à diversidade linguística e cultural. Segundo Abreu,

Um fator que favorece a estrangeirização é a oportunidade de conhecer novas culturas. Assim, quanto mais se evidenciar a estrangeiridade do texto, maior a oportunidade de se desenvolver um público-leitor mais aberto às diferenças linguísticas e culturais. (ABREU, 2010, p. 1546)

A domesticação aproxima o leitor do entendimento da leitura, facilitando esse processo com o uso de elementos e vivências dentro da cultura do mesmo.

A domesticação, portanto, traz o texto até a cultura de chegada, e o faz de muitas formas diferentes, desde a adaptação de nomes de personagens até a modificação do local onde determinada narrativa acontece, por exemplo. É possível, também, que passagens consideradas subversivas ou ofensivas sejam omitidas e que nomes de produtos sejam adaptados a marcas locais. (FRIO, 2013, p. 21)

Podemos observar que de acordo com a escolha do tradutor em optar pelos processos de Estrangeirização ou Domesticação, irá trazer seus respectivos pontos positivos, dependendo assim da intenção do tradutor de permanecer com os aspectos linguísticos mais próximos do texto-fonte ou de substituí-los por termos mais semelhantes da cultura em que o texto está

sendo inserido para tradução. O objetivo dessa análise é de saber identificar e diferenciar tais processos para a obra que foi escolhida para ser analisada.

O Pequeno Príncipe: obras selecionadas

Para esta análise, foram selecionadas três obras de diferentes traduções:

1. A primeira obra selecionada foi *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry pela editora Agir em 2014 e tradução feita por Ferreira Gullar. Essa edição será utilizada como parâmetro para realizar a análise.
2. A segunda foi *O Pequeno Príncipe para crianças*, de Antoine de Saint-Exupéry pela editora Agir em 2015 e tradução feita por Geraldo Carneiro e Ana Paula Pedro. Essa edição foi escolhida para podermos avaliar as diferenças linguísticas e culturais com relação à edição parâmetro.
3. A terceira foi *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry pela editora Girassol em 2015 e tradução realizada por Leila Villas. Essa edição traz conceitos culturais e linguísticos especificamente da cultura brasileira, de origem dos quadrinhos infantis produzidos por Maurício de Souza, chamado *A Turma da Mônica*.

A metodologia de análise utilizada foi o Levantamento Bibliográfico para que do conhecimento prévio já estudado por pesquisadores da área da tradução e seus processos, pudesse ser possível fazer reaproveitamento e criar novas ideias e percepções em relação à temática escolhida. A partir do Levantamento Bibliográfico realizado, encontram-se informações fundamentais relevantes relacionadas ao tema escolhido para executar a pesquisa.

Ressalta-se, assim, que, por meio de um levantamento bibliográfico não se pretende encontrar milhões de textos sobre um conceito genérico, mas encontrar informação precisa e relevante relacionada a um tema de pesquisa, em quantidade razoável a fim de que possa ser lida e analisada durante parte do tempo de realização de uma pesquisa. (GALVÃO, 2010, p. 3)

Ainda no processo metodológico, foi utilizada a análise de fontes de três edições diferentes da obra escolhida, *O Pequeno Príncipe*, focada nos aspectos linguísticos e culturais empregados

para que fossem usadas na execução desta pesquisa com o foco na estrangeirização e domesticação dos textos de acordo com a mudança do público alvo.

Os objetivos da análise proposta na metodologia são:

- I. Comparar diferentes traduções em que estrangeirização e domesticação foram usadas na obra *O Pequeno Príncipe*: a primeira (usada para paramento pela editora Agir de 2014, tradução realizada por Gullar; a segunda com o foco específico para crianças também pela editora Agir de 2015, tradução realizada por Carneiro e Ana Paula e a terceira com os aspectos culturais brasileiros pela editora Girassol de 2015, tradução realizada por Villas.
- II. Diferenciar as características apresentadas nas traduções analisadas com o foco no público alvo.
- III. Debater sobre os aspectos linguísticos e culturais apropriados para uma tradução de uma obra voltada para determinados públicos alvos.

Análise da obra em diferentes perspectivas

Nesta análise, foram utilizadas três diferentes edições do *O Pequeno Príncipe*, a primeira é uma edição pela editora Agir e tradução realizada por Ferreira Gullar, para poder ser usada como parâmetro para analisar as outras edições. A segunda é uma versão do *O Pequeno Príncipe para crianças* também pela editora Agir e tradução e adaptação feita por Geraldo Carneiro e Ana Paula Pedro. A terceira é uma versão customizada do *O Pequeno Príncipe* com as personagens da *Turma da Mônica*, de Maurício de Souza, pela editora Girassol e tradução e adaptação por Leila Villas e ilustrações por José Márcio Nicolosi. Nessa análise, foram escolhidos trechos específicos em que a mudança dos aspectos léxico-linguais e culturais puderam ser observados na obra. Na versão traduzida por Ferreira Gullar, em uma das partes selecionadas, foi traduzida assim:

Assim, ao longo da vida, mantive contato com um montão de gente séria. Vivi muito tempo com as pessoas adultas. Eu as conheci bem de perto. Isso não melhorou muito minha opinião sobre elas. Quando encontrava uma que me parecia um pouco esclarecida, fazia uma experiência de meu desenho número um, que levava sempre comigo. Queria saber se ela era de fato

inteligente. Mas a resposta era sempre a mesma: “Isso é um chapéu.” Eu, então, não lhe falava nem de jiboias, nem de florestas virgens, nem de estrelas. Passei a dançar conforme a música. Falava-lhe de bridge, de golfe, de política e de gravatas. E ela se mostrava satisfeita por ter conhecido um homem tão sensato (GULLAR, 2014, p. 8-9).

Já na versão traduzida por Villas, a mesma parte selecionada encontra-se assim:

Tive na vida montes de contato com montes de pessoas sérias. Convivi bastante com os adultos. E os conheci bem de perto. Minha opinião sobre eles não melhorou muito. Quando eu encontrava um adulto que parecia ser gente boa, eu fazia com ele o teste daquele meu desenho da jiboia fechada, que sempre levava comigo. Queria ver se aquela pessoa compreendia mesmo as coisas. Mas, com ela e com muitos outros, a resposta era a mesma: “É um chapéu”. Então, eu não conversava sobre jiboias, florestas virgens nem estrelas. Falava sobre esportes, política ou roupas. E aquele adulto ficava contente por encontrar uma pessoa tão sensata. (VILLAS, 2015, p. 10)

O primeiro aspecto importante a ser analisado foi o uso das personagens da Turma da Mônica. Nessa parte onde é mostrado o desenho da cobra com o elefante dentro, o elefante foi substituído por Jotalhão, um elefante de cor verde, personagem das historinhas em quadrinhos criado por Maurício de Souza em 1962, que foi inserido no grupo de personagens da Turma da Mônica. O segundo aspecto importante que pôde ser observado foi uma certa mudança nos aspectos linguísticos utilizados de uma tradução para a outra. Na tradução por Villas, foi utilizado o linguajar “gente boa”, que é muito comum e utilizado na linguagem coloquial dos brasileiros. Logo depois, na tradução feita por Gullar, ele usa os termos “bridge”, “golfe”, “política” e “gravatas”. Já na tradução realizada por Villas, esses termos foram substituídos por “esportes”, “política” e “roupas”. Levando em consideração o público alvo da tradução de Villas, que são crianças e adultos brasileiros que tiveram contato com as obras de Maurício de Souza, escritor brasileiro, pode-se dizer que foram utilizados mecanismos de domesticação, não só no uso da linguagem, mas também das personagens. Na tradução do *O Pequeno Príncipe para crianças*, realizada por Geraldo Carneiro e Ana Paula Pedro, essa parte não é mostrada no livro, por não ser de interesse infantil debater sobre assuntos como esportes, políticas e vestimentas. Ainda entre a tradução de Gullar para a de Villas, o Antoine foi substituído por Maurício de Souza como piloto de avião, e o Pequeno Príncipe como o Cebolinha, domesticando assim as personagens para os aspectos da cultura literária brasileira.

Quando é apresentado o astrônomo que descobriu o asteroide B 612, sua imagem é representada pelo Seu Carlos, pai da personagem Magali da *Turma da Mônica*, que é um cientista que trabalha fora de casa em seu laboratório, fazendo relação com a personagem original da história. Em um trecho escolhido, na versão de Gullar, encontra-se assim:

Quando alguém lhes fala de um novo amigo, não se interessam pelo que de fato importa. Jamais perguntam: “Qual é o som da sua voz? Quais são as brincadeiras que prefere? Coleciona borboletas?” Eles perguntam: “Qual a idade dele? Quantos irmãos têm? Quanto pesa? Quanto ganha seu pai?” Só depois disso acham que o conhecem. Se você diz aos adultos: “Tenho uma linda casa de tijolos cor-de-rosa com gerânios nas janelas e pombos no telhado...” Eles não conseguem fazer uma ideia da casa. Será preciso dizer-lhes: “Vi uma casa de cem mil francos.” Então eles vibram: “Deve ser linda!”. (GULLAR, 2014, p. 17-18)

Já na versão traduzida por Villas, aparece dessa forma:

Quando uma pessoa conta a eles que conheceu um novo amigo, eles nunca perguntam o essencial. Não perguntam, por exemplo: “Como é o som de sua voz? Que jogos ele prefere? Será que coleciona borboletas?” Eles só querem saber: “Qual é a sua idade? Quantos irmãos ele tem? Quantos quilos pela? Quanto ganha o seu pai?” Somente ao saberem essas coisas eles fazem uma ideia desse novo amigo. Se alguém diz aos adultos: “Vi uma casa de lindos tijolinhos vermelhos, com flores na janela, etc.”, eles não conseguem imaginar a casa. É preciso dizer: “Vi uma casa que custa mais de 200 mil”. Então exclamam: “Deve ser linda!”. (VILLAS, 2015, p. 18)

O primeiro fato que pode ser observado foi na mudança dos aspectos da casa. A casa brasileira é sempre representada com tijolos vermelhos enquanto na primeira tradução apresentada é descrita com tijolos cor-de-rosa. O segundo aspecto perceptível foi a mudança da palavra “gerânios” para “flores”, pois gerânios não são bastante conhecidos pela população brasileira. Também foi possível observar que houve a retirada da moeda “franco”, que é a moeda da França, terra natal do escritor Antoine, e para ser adaptada ao público-leitor brasileiro, o valor da casa também foi modificado. Na versão *O Pequeno Príncipe para crianças*, novamente, tal parte foi retirada da leitura. Falando do seu planeta, o Pequeno Príncipe fala sobre a flor que morava com ele. Na versão da Girassol, a flor é representada

pela personagem Mônica, a personagem que implicitamente é o par romântico do Cebolinha em *A Turma da Mônica*, de gênio forte, e não tem paciência para os apelidos que recebe das outras crianças por causa de sua aparência física e costuma responder a tais ações com sua extrema força bruta. A flor também representa o objeto de amor do pequeno príncipe, fazendo assim uma ligação com o Cebolinha e a Mônica nos quadrinhos. Logo após, ele decide aproveitar a migração dos pássaros selvagens para fugir. Na versão da editora Girassol, os pássaros são representados por araras azuis, pássaro de origem brasileira, o que demonstra mais um exemplo de domesticação. Em seguida, o Pequeno Príncipe visita o primeiro asteroide, que era habitado por um rei. Na versão da editora Girassol, o rei é representado pela personagem Rei Leonino da *Turma da Mata*, também criado por Maurício de Souza. Ele é conhecido por ser atuante, majestático e imponente e às vezes intolerante com seus súditos, embora esteja longe de ser um déspota; semelhante a como o Rei do Pequeno Príncipe se comportava. Já na versão do *Pequeno Príncipe para crianças*, houve uma simplificação do texto por Carneiro e Pedro (2015, p. 20): “O primeiro era habitado por um rei. E para os reis, o mundo é muito simplificado. Todos são seus súditos”. No segundo asteroide, o Pequeno Príncipe encontra com um homem vaidoso que habitava nesse planeta. Na versão pela editora Girassol, o vaidoso é representado por Rolo, criado por Maurício de Souza em 1972, e sua característica é de paquerador, e suas roupas extravagantes são um aspecto que caracterizam bastante essa personagem. Na versão *Pequeno Príncipe para crianças*, só há um breve texto. Carneiro e Pedro (2015, p. 20): “O segundo planeta era habitado por um vaidoso. E para os vaidosos, os outros são sempre seus admiradores”. Em sua viagem para o terceiro planeta, habitava um bêbado que bebia para esquecer da sua vergonha que tinha por beber demais. Na versão da editora Girassol, não há imagens desta personagem, talvez por não haver um semelhante em *A Turma da Mônica*. Na versão para crianças, só há um breve texto por Carneiro e Pedro (2015, p. 20): “O terceiro, por um bêbado, que bebia para esquecer que tinha vergonha de beber”. Já no quarto planeta, o Pequeno Príncipe se encontra com um homem de negócios, representado por Nhô Lau da *Turma da Mônica*, sofrido proprietário da mais atraente plantação de goiaba nas terras mais próximas da casa da personagem Chico Bento. Na versão para crianças, há um pequeno texto por Carneiro e Pedro (2015, p. 20): “O quarto

planeta era o do homem de negócios. Esse era tão ocupado que nem levantou a cabeça quando o pequeno príncipe chegou”. No quinto planeta, havia um acendedor de lampião. O planeta é tão pequeno que gira rapidamente e a cada minuto ele precisa desligar e ligar o lampião. Na versão da Girassol, o acendedor é modificado para Louco, personagem da *Turma da Mônica*, também criado por Maurício de Souza, que é conhecido por fazer coisas absurdas, como já diz seu nome. Na versão *Pequeno Príncipe para crianças* é retratado da seguinte forma:

O quinto planeta era muito curioso. O menor de todos. Só tinha lugar para um lampião e um acendedor de lampiões. O pequeno príncipe não sabia para que servia aquilo, mas pensou: “O trabalho dele, pelo menos, tem sentido. Quando ele acende o lampião, é como se fizesse nascer uma estrela a mais, uma flor a mais”. (CARNEIRO; PEDRO, 2015, p. 21)

No sexto planeta, havia um geógrafo que estudava sobre outros planetas, mares, montanhas e etc. Na edição Girassol, o geógrafo é representado pelo Astronauta da *Turma da Mônica*, que é um aventureiro que gosta de adora conhecer novos planetas, mas sofre muito com a solidão, e vive sonhando com sua família e amigos. Na versão *Pequeno Príncipe para crianças* há um breve texto traduzido por Carneiro e Pedro (2015, p. 21): “O sexto planeta era habitado por um geógrafo, que aconselhou o pequeno príncipe a visitar a terra”. Todas as personagens, exceto o bêbado, para o qual não houve um sinônimo equivalente, na edição Girassol, passaram pelo processo de domesticação, para personagens da cultura literária brasileira. Já na versão do *Pequeno Príncipe para crianças* os textos foram drasticamente reduzidos e reescritos numa linguagem e com aspectos linguísticos mais simples levando em consideração o público leitor infantil. Em um determinado momento, quando o avião e o pequeno príncipe estão em busca do poço de água, há um trecho em que também é possível notar a domesticação. Comparando a tradução de Gullar (2014, p. 79): “Quando eu era menino, as luzes da árvore de Natal, a música da missa da meia-noite, a doçura dos sorrisos faziam o encanto dos presentes que eu ganhava”. Já na tradução por Villas (2015, p. 70): “Quando eu era menino, também as luzes da árvore de Natal, a música da missa do Galo, a bondade dos sorrisos faziam brilhar o presente de Natal que me davam”. O termo “missa da meia-noite” foi substituído para “missa do Galo”, mostrando mais uma vez o processo de

domesticação. O termo missa do Galo é utilizado em português e espanhol. Na maior parte do mundo cristão chama-se simplesmente missa da noite de Natal ou missa da meia-noite.

Considerações finais

No que se refere ao tema objeto da análise de fontes, demonstrou que a mudança de público leitor das traduções interfere diretamente no texto traduzido. O papel do tradutor é extremamente essencial para realizar a ligação entre o texto e o leitor. Também se destaca o conhecimento por parte do tradutor do seu público alvo para poder transmitir a mensagem de forma mais adequada, o conhecimento da linguagem que o leitor tem sobre a língua, as expressões e os aspectos culturais. Vimos que na versão *Pequeno Príncipe para crianças* a retirada de textos para facilitar a leitura, com expressões mais simples num linguajar voltando mais para o infantil. Na versão da Girassol, pudemos observar a mudança de aspectos linguísticos, das personagens francesas para a domesticação de características já inseridas na literatura brasileira, com finalidade voltada para um público brasileiro.

Os estudos sobre cultura e identidade nos remetem às preocupações da pós-modernidade sobre a globalização, o local e o global, as questões de gênero, de raça, e as sequelas do colonialismo. A busca pela consolidação dos espaços e das minorias ganhou força e os livros didáticos vêm tentando acompanhar as mudanças provocadas. (GOMES; SANTOS, 2013, p. 192)

Sobre a experiência da análise de fontes, objeto do tema deste artigo, refletiu ser uma prática importante do tradutor avaliar seu público alvo para realização do seu trabalho, uma vez que cria a oportunidade de ampliar o conhecimento e interação do leitor com o mundo, trazendo diversas reflexões e significados novos e a importância desses leitores ampliarem suas perspectivas e buscar por novas leituras.

Vários autores defendem a ideia de que o mundo pós-moderno é caracterizado por um jogo de identidades, através do qual várias possibilidades são apresentadas, e, a depender das experiências já vivenciadas pelas pessoas, algumas poderão ser vistas como atrativas, sendo capazes de impulsionar novos adeptos, que, a partir de um certo momento, passaram a defender uma nova causa. (GOMES; SANTOS, 2013, p. 193)

Na tradução, há uma reescrita do texto, sendo assim numa nova autoria; quando há a domesticação, novos contextos e significados são construídos. Segundo Hall (2011), “nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. Podemos observar que a nossa identificação está atrelada à cultura, e que esta adquire novas ideias a partir de nossas vivências, leituras, e tudo aquilo que agregamos ao nosso conhecimento.

Referências

ABREU, A. L. S. V. Pollyanna: domesticação e estrangeirização na tradução de Monteiro Lobato. In: *XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, 2010, Rio de Janeiro. XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia de Letras da UERJ. Rio de Janeiro: UERJ, 2010. v. XIV.

CASTRO, M. de S. *Tradução, ética e subversão: desafios práticos e teóricos*. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Letras, Departamento de Letras, PUC-Rio. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/>>

Eco, U. *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

EXUPÉRY, Antoine de Saint-. *O Pequeno Príncipe*. 50. ed., Rio de Janeiro: Agir, 2014.

EXUPÉRY, Antoine de Saint-. *O Pequeno Príncipe*. Baueri, SP: Girassol, 2015.

EXUPÉRY, Antoine de Saint-. *O Pequeno Príncipe para crianças*. Rio de Janeiro: Agir, 2015.

FREITAS, Luana Ferreira de; SILVA, Camila Araújo da. Autoria, paratexto e recepção nas traduções de Venuti. *Eutomia: Revista de Literatura e Linguística*, Recife, n. 10, v. 1, p. 488-495, 2012.

FRIO, F. S. As fronteiras entre tradução e adaptação: da equivalência dinâmica de Nida à tradaptação de Garneau. *Tradterm*, v. 22, p. 15-30, 2013.

GALVAO, M.C.B. O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica. In: FRANCO, Laércio Joel; PASSOS, Afonso Dinis Costa (OrgS.). *Fundamentos de epidemiologia*. 2. ed. São Paulo: Manole, 2010. p. 377-398.

GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

GUERINI, Andréia. A teoria do ensaio: reflexões sobre uma ausência. *Anuário de Literatura*, n. 8, p. 11-27, 2000.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 2011.

LEVÝ, Jiří. Translation as a decision process. In: *To Honor Roman Jakobson*. The Hague: Mouton, II, 1967, p. 1171–1182. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2012n11p72/22525>>

MARTINS, M. A. P. As contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a teoria da tradução. *Cadernos de Letras* (UFRJ), v. 27, p. 59-72, 2010.

SANTOS, Elaine Maria; GOMES, Rodrigo Belfort. O livro didático de língua inglesa e as questões de identidade e alteridade. *GEPIADDE*, ano 7, v. 14, Itabaiana, 2013.

VENUTI, L. *Escândalos da tradução*. São Paulo: EDUSC, 2002.